



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANA CLARA DANTAS SANTIAGO

NARRATIVAS DO COTIDIANO: uma análise literária do filme “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2024

ANA CLARA DANTAS SANTIAGO

NARRATIVAS DO COTIDIANO: uma análise literária do filme “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva.

Catolé do Rocha – PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S235n Santiago, Ana Clara Dantas.
Narrativas do cotidiano [manuscrito] : uma análise literária do filme "A hora da estrela" de Clarice Lispector / Ana Clara Dantas Santiago. - 2024.
38 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras portuguesas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

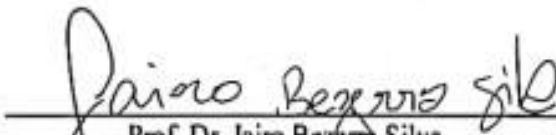
1. Cinema nacional. 2. Filme. 3. A hora da estrela. I. Título
21. ed. CDD B869.3

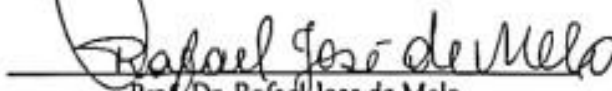
ANA CLARA DANTAS SANTIAGO

NARRATIVAS DO COTIDIANO: uma análise literária do filme “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector.

Aprovada em 21/11/2021

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva
(Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Rafael José de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Edivan da Silva Nunes Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, Maria Valma Dantas dos Santos, pela força inabalável e pelo amor que sempre me guia; à minha prima, Relva Carla, pelo companheirismo em cada etapa; e às minhas tias, Maria Lúcia dos Santos, Geralda Dantas dos Santos e Maria Odete, por serem exemplos de resiliência e inspiração constantes. Com profunda gratidão e apreço, reconheço que cada etapa desta jornada se concretiza em virtude do apoio e da inspiração que vocês representam.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Neste momento de profunda reflexão e gratidão, é imprescindível reconhecer e expressar meu agradecimento a todos aqueles que desempenharam papéis cruciais em minha trajetória acadêmica e na elaboração deste trabalho. Em primeiro lugar, dedico minha gratidão a Deus, cuja presença constante se revelou uma fonte inestimável de força, fé e orientação. Sua influência tem sido um guia essencial em cada etapa deste percurso de aprendizado, proporcionando não apenas suporte espiritual, mas também clareza em momentos de dúvida. A sabedoria que derivei de minhas crenças fundamentou minha resiliência diante dos desafios enfrentados. Assim, considero fundamental essa conexão espiritual, que permeia e enriquece minha busca pelo conhecimento.

Além disso, gostaria de estender meus agradecimentos à minha família, que tem sido um alicerce fundamental ao longo dessa jornada. Dedico um agradecimento especial à minha mãe, Maria Valma Dantas dos Santos, por seu amor inabalável e sabedoria iluminadora que sempre trouxeram clareza aos meus dias. Meus sinceros agradecimentos também se estendem às minhas tias, Geralda Dantas dos Santos, Maria Odete Dantas e Lúcia Dantas, que, com seus exemplos de dedicação e resiliência, me ensinaram o valor da perseverança. Às minhas primas, Relva Carla de Oliveira Dutra, Fatoca Lopes Dantas e Ana Paula Lopes Dantas, sou grata por estarem ao meu lado em cada desafio enfrentado, celebrando conquistas e superando dificuldades.

Minhas amigas, que ao longo dessa jornada acadêmica se tornaram verdadeiras irmãs, merecem um reconhecimento especial pela importância de suas contribuições em minha vida. Vanessa Pereira da Silva, Thamiris Silva, Gisele Crisley da Costa Oliveira, Natália Lara Ferreira da Silva, Nataly Layssa Ferreira da Silva, Maria Vitória Lopes, Fabiana de Sousa Soares, Andreia Vieira dos Santos Gomes, Raquel Alves e Karina Barbosa Santos não apenas estiveram ao meu lado durante os momentos de celebração, mas também se mostraram inestimáveis em períodos de desafios e incertezas. Sua presença constante foi um pilar de apoio emocional, proporcionando uma rede de solidariedade que facilitou meu crescimento pessoal e acadêmico.

Cada uma delas trouxe consigo um conjunto único de perspectivas e experiências que enriqueceram meu entendimento sobre a vida e a convivência. Juntas, enfrentamos as adversidades da vida universitária, sempre prontas a compartilhar risos e lágrimas, solidificando laços que transcendem o ambiente acadêmico e se estabelecem como uma verdadeira irmandade. Assim, a importância dessas relações se reflete não apenas em

momentos de apoio mútuo, mas também na construção de memórias que levarei comigo por toda a vida.

Às queridas Márcia Suênia, Lilian Suassuna e Dora Fernandes, expresso minha profunda gratidão pela amizade e pelo apoio incondicional ao longo desta jornada. As conversas nos corredores, repletas de risadas e reflexões, foram uma pausa revigorante nos dias intensos e também um estímulo constante para seguir em frente. O companheirismo de cada uma de vocês criou um espaço de acolhimento e troca que enriqueceu minha experiência acadêmica, tornando-a mais leve e significativa. Os momentos que compartilhamos transcendem o ambiente universitário, deixando marcas preciosas que levarei comigo sempre.

Agradeço profundamente ao meu orientador, Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva, cuja orientação meticulosa e os insights perspicazes foram cruciais para a realização deste trabalho. Sua capacidade de estimular o pensamento crítico e de guiar-me na exploração de ideias complexas proporcionou uma base sólida para minha pesquisa. Além disso, sua generosidade em compartilhar conhecimentos e experiências foi um pilar essencial em minha formação acadêmica. Ao longo desta jornada, sua presença foi não apenas uma fonte de aprendizado, mas também um modelo de compromisso com a excelência. É também com muito apreço que agradeço ao Prof. Dr. Rafael Jose de Melo pela honrosa participação na banca examinadora, cuja presença e olhar crítico são de extrema relevância para a concretização deste trabalho.

Igualmente, expresso minha gratidão ao Prof. Dr. Edivan da Silva Nunes Júnior, cuja orientação e apoio contribuíram significativamente para meu desenvolvimento acadêmico, inspirando-me a perseguir meus objetivos com determinação e ética. Em suma, as contribuições de ambos foram inestimáveis e impactaram profundamente meu desenvolvimento intelectual. Não poderia deixar de homenagear o saudoso Prof. Me. Francisco Ademilton Vieira Damaceno, cuja sabedoria profunda e entusiasmo contagiante deixaram uma marca indelével em minha formação acadêmica. Sua abordagem pedagógica e sua paixão pelo ensino inspiraram não apenas a mim, mas a todos que tiveram o privilégio de ser seus alunos. As lições que aprendi com ele transcendem o âmbito acadêmico, perpetuando-se como valores essenciais na minha vida. Sua memória continua a ser uma fonte de motivação e reflexão em minha trajetória.

Por fim, expresso minha sincera gratidão ao meu namorado, Kaio Flávio Dantas Alves pelo suporte constante e pela paciência demonstrada ao longo deste processo. Sua presença foi fundamental para que eu pudesse enfrentar os desafios inerentes à jornada acadêmica,

oferecendo encorajamento e motivação nos momentos críticos. A colaboração e o entendimento que ele proporcionou foram essenciais para manter meu foco e determinação.

A todos que, de alguma maneira, contribuíram para meu crescimento pessoal e acadêmico, manifesto minha sincera gratidão. Cada interação, cada aprendizado e cada desafio enfrentado foram cruciais na configuração da trajetória que percorri até este ponto. A riqueza das experiências que vivenciei ao lado de vocês não apenas ampliou meu arcabouço de conhecimentos, mas também enriqueceu minha perspectiva sobre o mundo. Carrego comigo não apenas valiosas lições, mas também memórias que se constituirão como fundamentos para minhas futuras realizações. Portanto, é com um espírito renovado e uma expectativa positiva que concluo esta etapa, pronta para aplicar os ensinamentos adquiridos nas próximas jornadas que se descortinam à minha frente.

“O destino de uma mulher é ser mulher”

(Clarisse Lispector)

NARRATIVAS DO COTIDIANO: uma análise literária do filme “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector.

RESUMO:

Este Trabalho de Conclusão de Curso examina o projeto “Cinema Nacional na Escola: Compartilhando Memórias e Narrativas”, evidenciando o potencial do filme A Hora da Estrela, de Clarice Lispector, como ferramenta pedagógica na Escola Agrotécnica do Cajueiro (EAC-UEPB), em Catolé do Rocha-PB. Diante da escassez de acesso ao cinema nacional na região, o estudo argumenta que o uso do cinema amplia a experiência educacional, estimulando uma postura crítica nos alunos. A introdução do trabalho aborda a limitação das políticas públicas que assegurem o acesso a produções culturais, sugerindo que o cinema, ao promover interatividade e reflexão, oferece uma alternativa enriquecedora em relação às práticas convencionais de ensino. A escolha do filme A Hora da Estrela tem por objetivo suscitar discussões sobre desigualdades e exclusão, aspectos cruciais para a compreensão das dinâmicas sociais brasileiras. A realização do projeto incluiu debates sobre os elementos estéticos e sociais da obra, favorecendo uma análise crítica que propicia novas perspectivas. Este TCC posiciona o cinema como elemento transversal ao currículo, fortalecendo uma abordagem educativa mais inclusiva e sensível às questões sociais. Fundamentado nas ideias de Lispector (1998) e o estudo respalda-se no direito ao acesso cultural e no poder do cinema de elevar a consciência crítica. Nas considerações finais, o TCC confirma que a exibição de A Hora da Estrela, onde ampliou-se a percepção dos alunos sobre as desigualdades sociais, reafirmando o cinema como recurso transformador na educação e instrumento crucial para o desenvolvimento cultural e cidadania dos estudantes.

Palavras-Chave: Cinema Nacional; Filme; A Hora da Estrela.

EVERYDAY NARRATIVES: a literary analysis of the film “The Hour of the Star” by Clarice Lispector.

ABSTRACT:

This Course Completion Work examines the project “National Cinema at School: Sharing Memories and Narratives”, highlighting the potential of the film *The Hour of the Star*, by Clarice Lispector, as a pedagogical tool at Cajueiro Agrotechnical School, in Catolé do Rocha-PB. Given the lack of access to national cinema in the region, the study argues that the use of cinema expands the educational experience, encouraging a critical stance in students. The introduction of the work addresses the limitation of public policies that ensure access to cultural productions, suggesting that cinema, by promoting interactivity and reflection, offers an enriching alternative in relation to conventional teaching practices. The choice of the film *The Hour of the Star* aims to raise discussions about inequalities and exclusion, crucial aspects for understanding Brazilian social dynamics. The project included debates on the aesthetic and social elements of the work, favoring a critical analysis that provides new perspectives. This TCC positions cinema as a transversal element in the curriculum, strengthening a more inclusive and sensitive educational approach to social issues. Based on the ideas of Lispector (1998), the study is based on the right to cultural access and the power of cinema to raise critical consciousness. In the final considerations, the TCC confirms that the screening of *The Hour of the Star*, which expanded students' perception of social inequalities, reaffirmed cinema as a transformative resource in education and a crucial instrument for students' cultural development and citizenship.

Keywords: National Cinema; Film; *The Hour of the Star*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O CINEMA COMO CRÍTICA SOCIAL: EM “A HORA DA ESTRELA” DE CLARICE LISPECTOR.....	14
2. ENTRE SONHOS E ILUSÕES: OS DESLUMBRAMENTOS E DESAFIOS DE MACABÉA EM “A HORA DA ESTRELA”.....	19
3. RESULTADOS.....	26
3.1 A integração da produção cinematográfica no contexto educacional.....	26
3.2 Análise das respostas dos alunos: reflexões sobre a experiência cinematográfica na educação.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Este TCC é resultado da observação de uma realidade a partir da qual constatamos a relativa falta de ação política que garanta formas diversas de acessibilidade ao cinema, neste caso específico, com o foco especial direcionado à veiculação do cinema nacional na cidade de Catolé do Rocha- PB. Desse modo, visando a melhoria do bem-estar coletivo, apresentamos este TCC acerca da veiculação de filmes nacionais educativos, a fim de buscar o desenvolvimento de mecanismos que promovam em parte, a superação da ausência de acesso ao cinema nas plataformas digitais, e no município acima elencado, evidenciando com isso, que o cinema, bem como outros recursos audiovisuais, contribuem como grandes impulsionadores no processo de ensino-aprendizagem devido à reflexão proporcionada pela cinematografia em contraposição ao método “instrumental” de aulas não dialógicas.

O TCC relativo à veiculação do cinema nacional na escola, juntamente com nossa experiência como bolsista de extensão, foi determinante para a escolha do filme “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector e dirigido por Suzana Amaral, como objeto de estudo. Baseado na novela homônima, o filme foi selecionado não apenas por sua relevância artística, mas também por seu potencial em suscitar reflexões críticas sobre a realidade social. Para nós, a exibição do filme na (EAC-UEPB), bem como sua repercussão na sociedade do município de Catolé do Rocha-PB, que integrou um conjunto de grupos prioritários escolhidos pela equipe envolvida no projeto: alunos da referida escola, os professores, o orientador e o bolsista à época.

Em seguida, após a exibição do filme em tela, aconteceram vários debates de caráter dinâmico sobre o tema abordado da condição de participantes do norte para o sul, que abrange as diferentes áreas do conhecimento. Durante esses debates, foram colocadas questões pertinentes às concepções de mundo englobadas pelos filmes nacionais e suas relações, principalmente as questões estéticas no papel de ambos com base no filme de Clarisse. No nosso entendimento, a referida prática contribuirá para a dinâmica do processo de transformação de conceitos ‘fechados’ e, também, abrirá espaço para o desenvolvimento de novos saberes. Com efeito, levando os filmes nacionais à escola, em especial “A Hora da Estrela”, conseguimos criar condições para o desenvolvimento do pensamento crítico acerca de alguns pontos “instrumentais” presentes no currículo básico comum, dinamizando também uma maior articulação aos temas transversais ao criar condições para apoiar o professor nas suas diversas práticas de ensino-aprendizagem inovador.

O uso de filme como recurso didático, em especial “A hora da Estrela”, no âmbito do cinema nacional, ainda pouco valorizado no Brasil, favorece a prática de ensino no que tange às questões éticas, à consciência da realidade social, à prática dos valores morais, às ações mais humanistas e, também, à valorização e conhecimento desse. Com isso buscamos também neste TCC resultado do projeto de extensão 2022, (des)viciar o nosso olhar em relação ao que a indústria cultural coloca como necessário; além de possibilitar ao professor uma maior aproximação [sociabilidade] com os alunos, facilitando a reflexão, compreensão e assimilação dos conteúdos estudados. Sendo assim, este TCC justifica-se pelos elementos acima elencados, o que contribui também ao nosso entender, necessário para que possamos repensar o ambiente escolar, neste caso específico, podendo esse ser renovado com as novas linguagens na contemporaneidade em que a hierarquização dos discursos e práticas entre professor e aluno podem ser aproximados.

Em termos de teoria, para a finalização deste trabalho de conclusão de curso relativo à veiculação de filmes do cinema nacional nas escolas públicas, nos concentraremos na contribuição de Souza (2020). Esse autor nos estimula a pensar as multidimensionalidades nas quais os seres humanos estão incluídos e também sistematicamente excluídos, ou seja, sintetiza a maneira como o acesso aos bens culturais depende em grande medida do aporte e da posse de diversos capitais: cultural, social e econômico; recebidos ou herdados no núcleo familiar. Isso, em certa medida, relacionado ao processo de construção social pela ausência de interesse em relação à institucionalização de uma ‘nova’ cultura em assistir sistematicamente filmes de caráter instrutivos e fomentadores de uma criticidade sob as circunstâncias de vida do não acesso à sétima arte e também a outros bens culturais. Para o autor, é preciso identificar a operacionalização de “guerra” posta e imposta pela indústria cultural, em síntese, viciadora de olhares retilíneos acerca da realidade social. E o cinema é uma forma política de ser contrastada.

Para o mesmo autor (idem), o processo de aprendizado na escola ocorre para além da sistemática em termos de horários regulares na produção de exercícios. Caso a escola não abra mão de novos exercícios, ela operacionalizará uma lógica de reprodução de uma “ma-fé-institucional”, ou seja, a produção, a manutenção e a reprodução de privilégios específicos. Esses novos métodos se dão também por meio de atividades complementares que podem ser trazidas de casa e aperfeiçoadas e reelaboradas no ambiente escolar. É primordial que o aprendizado para ser alcançado deva às vezes sair de uma rotina diária, buscando novas alternativas, visto que, essas novas abordagens são cruciais para a formação não apenas dos

alunos, mas de toda a comunidade escolar, criando um ambiente educacional dinâmico e adaptado às necessidades contemporâneas na Escola Agrotécnica do Cajueiro (EAC-UEPB).

Numa direção semelhante à colocada por Hooks (2019), ao elaborar a biografia de Clarice Lispector nos dá um indicativo acerca de como a obra da autora pode contribuir no sentido de socializar e, também, ser transformada em teatro, em cinema, em fotografia e em literatura nas suas diferentes modalidades. E, com isso, nos leva a reconhecer a necessidade de irmos além do espaço da sala de aula e nos estimula a pensar e repensar a condição do sujeito em refletir sobre o mundo e, também, os seus (des)concertos. É com base na contribuição dos autores mencionados que buscaremos tornar esse TCC eficiente no sentido de permitir a produção de diferentes e de novos olhares sobre o mundo por meio da sétima arte veiculada na cidade de Catolé do Rocha-PB.

Portanto, o objetivo geral deste TCC é analisar as repercussões provocadas pelo filme “A Hora da Estrela” na Escola Pública Agrotécnica do Cajueiro, localizada no Campus-IV na cidade de Catolé do Rocha-PB, com o intuito de discutir as questões sócio-culturais relacionadas à vida dos estudantes e da comunidade circundante. Essa análise busca explorar, de forma crítica e reflexiva, os elementos presentes na obra de Clarice Lispector, conectando-os à realidade vivenciada pelos alunos e promovendo uma compreensão mais profunda do contexto social em que estão inseridos. Através desse processo, almejamos não apenas despertar o interesse pela literatura e pelo cinema nacional, mas também fomentar um debate que permita aos estudantes relacionar suas vivências cotidianas com as narrativas cinematográficas, enriquecendo, assim, seu repertório cultural e crítico.

Como complemento ao objetivo geral proposto, os objetivos específicos, pretendemos discutir maneiras relativas à cultura do “descarte” cinematográfico do cinema nacional na cidade de Catolé do Rocha-PB, uma vez que essa prática reflete uma desvalorização do produto cultural brasileiro em detrimento de produções estrangeiras. Essa abordagem visa, portanto, conscientizar os alunos e a comunidade escolar sobre a importância de preservar e valorizar a produção cinematográfica nacional, resgatando obras que, muitas vezes, são negligenciadas pela mídia mainstream. Além disso, consideramos fundamental orientar os professores do ensino médio na prática de veiculação e discussão de filmes nacionais, incentivando-os a incorporar tais obras em suas metodologias de ensino. Com isso, espera-se que os alunos desenvolvam um apreço pela sétima arte, reconhecendo suas raízes culturais e seu potencial transformador.

Ademais, promover ações que visem à discussão sobre a importância do cinemanacional enquanto processo de valorização e democratização do acesso aos bens culturais é

crucial. Essas ações devem ser pautadas no diálogo com a comunidade envolvida no projeto, garantindo que o cinema seja compreendido como uma ferramenta de inclusão social e educação crítica. Ao trazer a comunidade para dentro do processo educacional, o projeto visa ampliar o alcance do debate cultural, proporcionando um espaço em que diferentes vozes possam ser ouvidas e consideradas. Assim, espera-se que a exibição e discussão de filmes nacionais nas escolas públicas se tornem uma prática comum e valorizada, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Finalmente, é imprescindível informar aos diversos segmentos sociais da cidade de Catolé do Rocha-PB sobre a exibição de filmes nacionais nas escolas públicas e convidá-los a participar ativamente desse processo. Ao fazê-lo, não apenas se amplia o público atingido pelo projeto, mas também se promove uma maior integração entre a escola e a comunidade, fortalecendo os laços sociais e culturais. Além disso, levantar dados sobre a realidade local é uma etapa fundamental para compreender os fatores que contribuem para a falta de acessibilidade da população a essa atividade cultural. A partir dessa análise, será possível pensar em estratégias eficazes de enfrentamento à problemática do não acesso, garantindo que o cinema nacional possa ser uma realidade acessível e transformadora para todos os envolvidos.

Encerrando a etapa introdutória deste trabalho, seguimos agora para o primeiro capítulo, no qual será abordada a obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, sob a perspectiva da crítica social construída por meio da cinematografia. Neste capítulo, analisaremos os desafios enfrentados pela protagonista, Macabéa, ao longo de sua trajetória migratória do Nordeste para o Sul do país, destacando as complexidades sociais e culturais inerentes a esse deslocamento. Além disso, será discutida a forma como essa realidade é retratada e interpretada tanto por críticos literários quanto por estudiosos do cinema, evidenciando o impacto social da obra e suas adaptações. A análise busca, portanto, evidenciar o diálogo entre a literatura e o cinema, explorando como ambas as linguagens artísticas contribuem para uma crítica contundente das desigualdades sociais e das condições de marginalização enfrentadas por personagens como Macabéa, refletindo, assim, as contradições e injustiças presentes na sociedade brasileira.

1. O CINEMA COMO CRÍTICA SOCIAL: em “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector.

Neste capítulo, propomos uma análise aprofundada da função do cinema enquanto veículo de crítica social, com ênfase na adaptação cinematográfica de “A Hora da Estrela”, dirigida por Suzana Amaral. À luz desta obra cinematográfica, examinaremos como a narrativa visual amplifica e reformula a crítica já presente no romance de Clarice Lispector, evidenciando de forma ainda mais contundente as camadas de exclusão social e a alienação que atravessam a trajetória da protagonista, Macabéa. Desse modo, compreendemos que o cinema, longe de se restringir ao mero entretenimento, emerge como uma ferramenta potente na construção de uma consciência crítica, fomentando discussões que extrapolam a ficção e tocam as desigualdades e disparidades inerentes ao tecido social brasileiro. Assim, argumentaremos que a adaptação cinematográfica de Amaral transcende a simples transposição da narrativa escrita para a tela, ao utilizar com maestria os recursos próprios do cinema para intensificar os elementos sociopolíticos subjacentes à obra original, conferindo-lhes uma nova dimensão de significação.

Neste sentido, ao discutirmos “A Hora da Estrela”, torna-se imprescindível examinarmos a intersecção entre os campos da literatura e do cinema, observando como cada um desses meios expressa e constrói suas respectivas formas de crítica social. O cinema, com suas especificidades narrativas e estéticas, possibilita não apenas a criação de uma nova leitura sobre a obra literária, mas também a ampliação das reflexões em torno da condição dos marginalizados que habitam os dois discursos, tanto o literário quanto o cinematográfico. Dessa forma, nossa análise está diretamente ligada à proposta central de entender o cinema como uma plataforma de crítica, e ao avançarmos para a discussão das representações visuais de Macabéa e da alienação social que a cerca, evidenciaremos como o filme intensifica o impacto da narrativa. Em última análise, o espectador é convidado a adotar uma postura crítica, refletindo de maneira ativa sobre as questões sociopolíticas levantadas pela obra.

Inicialmente, é importante compreendermos o cinema como uma poderosa ferramenta de crítica social. No contexto do filme “A Hora da Estrela”, dirigido por Suzana Amaral, essa função crítica é ampliada pela adaptação fiel da obra de Clarice Lispector, uma narrativa que mergulha nas complexidades da alienação e marginalização social. Situado no Brasil da

década de 1980, o filme reflete as tensões sociais e políticas do período, evidenciando a exclusão dos menos favorecidos ao retratar:

[...] a força representativa das imagens em movimento do cinema para retratar uma variedade imensa de brasis desconhecidos e desconexos no imaginário das pessoas mostra quão importante para a cultura brasileira foram os trabalhos cinematográficos na formação de uma identidade cultural nacional. A importância de ver estes brasis desconhecidos e contrastantes exigia do espectador uma tomada de posição, uma atitude crítica perante o que foi visto (Rodrigues, 2014, p. 269).

Assim, o cinema torna-se para nós um reflexo contundente das dinâmicas sociais, desafiando-nos a confrontar verdades incômodas e a reavaliar nossa própria posição em relação a essas questões. Essa dinâmica de incômodo e reflexão é essencial para fortalecer a função do cinema como um meio de crítica social, transformando a experiência de assistir em um ato de conscientização e compromisso com as questões sociopolíticas que permeiam a narrativa visual. Com isso, ao transpor o filme “A Hora da Estrela” para as telas, Suzana Amaral conseguiu preservar e ampliar a crítica social presente no romance de Clarice Lispector, uma vez que sua adaptação cinematográfica não só respeita a essência da narrativa original, mas também explora os recursos visuais para aprofundar a sensação de alienação e opressão social que permeia a história.

A obra anteriormente citada, de Clarice Lispector, emerge para nós como um vigoroso exemplo de como a literatura pode funcionar como uma plataforma de crítica à alienação social. A personagem Macabéa, concebida pela autora, encarna a invisibilidade e a exclusão que assolam milhões de indivíduos marginalizados no Brasil. Ao delinear a trajetória de uma jovem nordestina, deslocada e ignorada em uma metrópole indiferente, Lispector constrói uma narrativa que explora de maneira íntima e fragmentada a condição de sujeitos que, como Macabéa, permanecem alheios às estruturas de poder que os subjagam. A esse respeito, destacamos que a obra revela as nuances da alienação, evidenciando que: “depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada” (Lispector, 1998, p. 62). Essa passagem metaforiza para nós a percepção de uma identidade que se vê desconectada da realidade ao seu redor, refletindo o distanciamento que permeia a vida dos marginalizados.

Se fizermos uma retrospectiva em relação cinema-educação, podemos constatar que desde sua invenção o cinema tem sido apontado como fonte de

pesquisa, e desde então, muito se tem teorizado e discutido a seu respeito. Se no início do século XX a teoria cinematográfica debatia se a imagem expressava ou reproduzia a realidade, hoje sabemos que a realidade não ilustra, nem reproduz a realidade, mas a (re) constrói a partir de uma linguagem própria, produzida num determinado contexto histórico (Cipolini, 2008, p. 47).

Sob essa ótica, percebemos que a adaptação cinematográfica de “A Hora da Estrela”, dirigida por Suzana Amaral, enriquece e amplifica a crítica social articulada no romance original, através de uma linguagem visual cuidadosamente elaborada que aprofunda as múltiplas camadas de exclusão vivenciadas por Macabéa. Essa representação cinematográfica, ao lado da narrativa literária de Clarice Lispector, exige de nós uma leitura minuciosa e uma sensibilidade crítica aguçada, levando-nos a ultrapassar a superfície dos acontecimentos para alcançar uma compreensão mais complexa e sofisticada. Assim, somos compelidos a mergulhar nas nuances das mensagens implícitas, compreendendo como o cinema, ao reinterpretar a obra literária, não apenas reproduz a trama, mas a reveste de um vigoroso aparato imagético que intensifica o impacto das questões sociais subjacentes.

As obras de Clarice Lispector e a interpretação cinematográfica de Suzana funcionam para nós como um convite à reflexão sobre as diversas camadas de exclusão e alienação que permeiam a existência de figuras como Macabéa. Essa abordagem não apenas estimula uma alfabetização visual, mas também uma conscientização social, na qual somos instigados a decifrar não somente os eventos e as imagens que compõem a narrativa, mas também as profundas implicações da desigualdade social que frequentemente permanecem ocultas na vivência cotidiana. Assim, desenvolvemos uma postura crítica, capaz de reconhecer as sutilezas que interligam a arte à realidade social, permitindo uma compreensão mais amplada estruturas de opressão que definem a experiência de indivíduos marginalizados.

Dessa forma, a alienação social de Macabéa é representada de maneira que evidencia para nós uma crítica profunda à invisibilidade dos marginalizados. A atuação primorosa de Marcélia Cartaxo dá vida a uma personagem que simboliza um Brasil negligenciado pelas narrativas dominantes. Ao longo de sua trajetória, acompanhamos uma jovem nordestina que, embora inserida em um contexto de pobreza extrema, permanece inconsciente das forças sociais que a subjagam, como retratado na reflexão de Lispector: “Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social” (Lispector, 1998, p. 40). Essa ausência de percepção acerca de sua própria condição precária transcende o âmbito pessoal, refletindo para nós uma estrutura social que constantemente desumaniza os mais vulneráveis.

Assim, o filme revela as múltiplas camadas de exclusão que permeiam a vida cotidiana, expondo a alienação como um mecanismo de opressão sistêmica.

Além disso, o ambiente urbano do Rio de Janeiro desempenha para nós um papel crucial na elaboração da crítica social apresentada no filme. A cidade não se limita a ser um simples pano de fundo; ela assume o papel de um personagem que intensifica o sentimento de isolamento e vulnerabilidade experimentado por Macabéa. Sob a direção de Suzana Amaral, a metrópole é capturada de forma fria e, em diversos momentos, até inóspita. Essa representação evidencia para nós as relações de poder que atuam para marginalizar os indivíduos, revelando que as estruturas que perpetuam a opressão social frequentemente operam de maneira invisível. Nesse sentido, observamos em Gomes (2005, p. 107) que: “a estrutura narrativa do filme baseia-se na capacidade do narrador de transitar entre os pontos de vista de diferentes personagens, permitindo uma compreensão mais ampla da realidade social”. Desse modo, o Rio de Janeiro se torna para nós um reflexo das disparidades sociais que impactam a vida da protagonista, revelando as complexidades da condição humana em um contexto de desigualdade.

As interações de Macabéa com outros personagens revelam para nós as complexas dinâmicas de poder que permeiam sua vida. A relação com Olímpico de Jesus exemplifica essa tensão, onde ele, embora também marginalizado, exerce um poder sobre ela que acentua sua fragilidade. A frase provocativa “Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?” (Lispector, 1998, p. 56) expõe o desprezo de Olímpico pela ingenuidade de Macabéa, refletindo uma exploração que ocorre mesmo entre os marginalizados. Essa dinâmica revela para nós como as relações interpessoais podem reproduzir desigualdades, criando um ciclo de opressão que perpetua a alienação e a exclusão social. As interações com personagens como Glória, que tenta superar sua marginalização por meio da aparência, também evidenciam a luta por reconhecimento em um espaço que frequentemente ignora a dignidade dos mais pobres.

Outro elemento significativo da narrativa para nós é a trilha sonora de Wagner Tiso, que contribui para a construção da atmosfera de “A Hora da Estrela”. Os sons sutis e repetitivos que permeiam a narrativa não apenas intensificam a solidão de Macabéa, mas também se entrelaçam de forma harmoniosa com as imagens, criando uma experiência sensorial que provoca nossa empatia. Como afirmado por Lispector, “Depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada” (Lispector, 1998, p. 62). Essa introspecção sonora não serve apenas como um pano de fundo, mas como uma extensão da narrativa emocional, intensificando a sensação de um cotidiano marcado pela

desesperança. Assim, a música não apenas complementa a imagem, mas também amplifica a crítica social contida na obra, permitindo-nos uma compreensão mais profunda das realidades que moldam a vida de Macabéa e, por extensão, de muitos outros.

Ao considerarmos o impacto do filme, é imprescindível que adotemos uma postura crítica em relação às complexidades da narrativa apresentada. A obra de Clarice Lispector e a adaptação cinematográfica de Suzana Amaral não se limitam a relatar a trajetória de Macabéa; elas nos desafiam a adentrar nas múltiplas camadas de exclusão que permeiam a vida dos personagens. Assim, ao introduzir a protagonista em um contexto de pobreza e alienação, o filme provoca uma reflexão profunda sobre a condição de muitos brasileiros, especialmente aqueles oriundos das regiões mais empobrecidas, como o Nordeste. Macabéa não é uma personagem isolada; ela representa uma multidão de indivíduos que, invisíveis e marginalizados, lutam para encontrar um lugar na sociedade.

Em última análise, a obra cinematográfica em questão destaca-se para nós como um potente veículo de crítica social, evidenciando as contradições intrínsecas da sociedade brasileira contemporânea. Ao servir como um reflexo das tensões sociais que afligem milhões de indivíduos, o filme de Suzana Amaral transcende a mera narrativa de uma personagem fictícia. Ele se torna para nós um catalisador para iluminar as experiências reais de exclusão e marginalização que afetam uma parcela significativa da população, incitando-nos a uma reflexão crítica sobre as injustiças que, muitas vezes, permanecem ocultas sob a superfície da convivência cotidiana. Assim, a relevância da representação de Macabéa, protagonista da narrativa, não se limita à sua condição pessoal, mas expande-se para a capacidade do cinema de mobilizar a consciência social. A obra propõe uma discussão urgente e necessária sobre desigualdade e opressão, desafiando-nos a confrontar as realidades duras que permeiam a vida dos marginalizados e a engajar-nos ativamente na busca por transformações sociais. No próximo capítulo, discutiremos os processos de sonhos e ilusões vivenciados e desembargados por Macabéa.

2. Entre Sonhos e Ilusões: os deslumbramentos e desafios de Macabéa em “A Hora da Estrela”

No capítulo “Entre Sonhos e Ilusões: os deslumbramentos e desafios de Macabéa em “A Hora da Estrela”, investigamos, de forma abrangente e multifacetada, a jornada existencial da protagonista, enfatizando o confronto entre os meandros da realidade e o universo onírico que ela constrói para suportar sua condição. Observamos, então, que Macabéa, uma jovem migrante nordestina, não enfrenta apenas o afastamento do espaço urbano do Rio de Janeiro, mas também a brutalidade social que, em vez de acolhê-la, a empurra para as margens da sociedade, envolvendo-a em um ciclo de invisibilidade e exclusão. Nesse contexto, delineamos o percurso narrativo de Clarice Lispector como um embate constante entre o desejo de reconhecimento social e a alienação crônica, refletindo a condição de uma jovem que, ainda que inconscientemente, busca superar o estigma que a cerca.

Dessa forma, suas circunstâncias de vida, combinadas com seus anseios por afeto e validação, revelam uma complexa intersecção entre sonhos e conformismo, salientando o paradoxo entre o ideal e a realidade que permeia a vida da personagem. Além disso, propomos investigar as influências socioculturais e afetivas que definem e restringem a psique de Macabéa, enfatizando como sua invisibilidade social e submissão emergem não como escolhas individuais, mas como imposições de um contexto de exclusão e desvalorização feminina. Em diálogo com as perspectivas teóricas de Hooks (2019), nossa análise visa explorar como o desejo de Macabéa por afeto e reconhecimento transcende uma demanda pessoal, revelando uma crítica mais abrangente à opressão de gênero e classe que permeia o cotidiano de mulheres marginalizadas. A história da protagonista, nesse sentido, se configura como um microcosmo das dificuldades enfrentadas por aquelas que, como ela, são silenciadas e ignoradas, evidenciando a perpetuação de uma submissão que se renova tanto nas interações interpessoais quanto nas ilusões que alimenta. Paradoxalmente, essas ilusões, ao lhe oferecerem um refúgio imaginário, também colaboram para reforçar sua condição de invisibilidade e fragilidade social, intensificando o ciclo de marginalização e desamparo que a circunscreve.

O ponto central de “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, assim como de sua adaptação cinematográfica, reside na trajetória de Macabéa, cuja vida se caracteriza pela completa alienação social, invisibilidade e conformismo. Desde o início, percebemos que Macabéa vive à margem, praticamente invisível para aqueles ao seu redor. Como nordestina pobre, ao migrar para o Rio de Janeiro, depara-se com uma realidade dura e indiferente, onde sua existência é ignorada e seu valor continuamente desconsiderado.

A relação entre Macabéa e sua tia, marcada pela ausência de afeto e cuidado, insere-se em um contexto de negligência emocional que impacta profundamente a formação psíquica de crianças em situação de vulnerabilidade social. Reconhecemos que a carência de amor e suporte durante a infância não apenas molda o caráter da protagonista, mas também define sua percepção de si mesma e do mundo, resultando em uma personalidade submissa e resignada diante da opressão e da miséria. Essa realidade, infelizmente, reflete-se na vida de muitas crianças que, assim como Macabéa, crescem em ambientes onde o afeto é substituído por uma disciplina severa e indiferente, comprometendo seu desenvolvimento emocional e limitando suas expectativas de futuro.

Em contextos de extrema pobreza, essas crianças, muitas vezes, são levadas a aceitar a precariedade como parte inerente de suas existências, o que enfraquece sua capacidade de resistência diante das adversidades. Dessa forma, o impacto psicológico de uma criação desprovida de laços afetivos profundos pode se manifestar na vida adulta por meio de indivíduos emocionalmente fragilizados, com baixa autoestima e pouca habilidade para romper o ciclo de submissão que lhes foi imposto desde a infância. Como exemplificado pela trajetória de Macabéa, essas crianças frequentemente carregam consigo um sentimento de invisibilidade e a ausência de expectativas de reconhecimento, perpetuando um ciclo intergeracional de pobreza, tanto emocional quanto material.

Observamos que a vida de Macabéa no Nordeste, antes de migrar para o Sul, foi marcada por privações e extrema pobreza. Órfã e criada por uma tia severa e sem afeto, sua infância foi desprovida de amor e cuidado. Esse contexto de miséria e abandono conforma a formação da personalidade da protagonista, que, desde cedo, aprende a aceitar o pouco que lhe é dado e a não esperar muito da vida. A realidade das mulheres nordestinas e pobres, como Macabéa, é ilustrada na análise de Hooks, que argumenta que:

Uma das diferenças básicas de perspectiva entre a mulher burguesa e a pobre da classe trabalhadora é que esta sabe que ser discriminada ou explorada por sua condição de mulher é doloroso e desumano, mas não costuma ser tão doloroso, desumano e ameaçador quanto não ter comida ou abrigo, quanto a fome crônica, quanto a adoecer e não ter acesso a cuidados médicos (Hooks, 2019, p. 110).

Nossa análise da trajetória de Macabéa, embora situada em um contexto passado, revela-se de maneira singular como uma janela para a realidade contemporânea de inúmeras mulheres e crianças no Brasil, especialmente nas regiões mais empobrecidas do Nordeste. As

condições de extrema carência e a ausência de afeto vivenciadas pela protagonista continuam a moldar o destino de diversos indivíduos em nosso país, em um ciclo que perpetua a invisibilidade social e a luta incessante pela sobrevivência. Nas comunidades mais vulneráveis, essa exclusão se agrava pela ausência de acesso a serviços essenciais, como saúde, educação e moradia, fazendo-nos refletir sobre a persistente migração interna em busca de melhores oportunidades nas regiões Sul e Sudeste. Tal movimento, no entanto, raramente satisfaz as expectativas, prolongando um ciclo de frustrações e desafios que nos remetem diretamente à experiência de Macabéa.

No diálogo com as reflexões de Hooks (2019), percebemos a relevância dessas perspectivas, pois muitas mulheres em situação de vulnerabilidade continuam priorizando a própria sobrevivência em detrimento da luta contra a opressão de gênero. Esse contexto sublinha como a ausência de oportunidades estruturais e o descaso das políticas públicas perpetuam a marginalização de grupos vulneráveis, reforçando ciclos de exclusão que ainda ecoam nas trajetórias de figuras como Macabéa, cujo drama pessoal se torna representativo da condição de tantos outros indivíduos invisibilizados.

Ao acompanharmos Macabéa em sua chegada ao Rio de Janeiro, confrontamo-nos com uma cena igualmente desoladora: seu trabalho mal remunerado como datilógrafa e a falta de perspectivas reforçam seu sentimento de alienação, enquanto a cidade grande, ao invés de representar uma redenção, revela-se uma armadilha que a consome e anula. Nesse ambiente urbano, que deveria promover sua inclusão, observamos a intensificação de seu isolamento, agravado pela maneira com que é tratada por aqueles ao seu redor. Seu chefe, que a considera incapaz, e sua colega de trabalho, Glória, que, mesmo ocupando o mesmo espaço laboral, usufrui de um status superior e se vale disso para humilhar Macabéa, são exemplos de como a alienação da protagonista é reiterada pelas relações interpessoais. Assim, a vida de Macabéa, ao refletir-se nas experiências cotidianas de exclusão e submissão, levanta um espelho para o Brasil contemporâneo, questionando-nos sobre os ciclos de marginalização que insistem em subsistir no tecido social.

As mulheres são o grupo mais vitimado pela opressão sexista. Tal como outras formas de opressão de grupo, o sexismo é perpetuado por estruturas sociais e institucionais; por indivíduos que dominam, exploram ou oprimem; e pelas próprias vítimas, educadas socialmente para agir em cumplicidade com o status quo. (Hooks, 2019, p. 85).

Nossa análise sobre a trajetória de Macabéa, personagem central do filme “A Hora da Estrela”, transcende sua ambientação histórica e expõe, de forma contundente, as complexas camadas de opressão às quais as mulheres estão submetidas. A condição de Macabéa ilustra a intersecção entre alienação social e opressão sexista, revelando como o ambiente urbano e as relações laborativas não apenas isolam a protagonista, mas também reforçam hierarquias de gênero e classe. A postura discriminatória de seu chefe e a ausência de solidariedade da personagem Glória que, mesmo em uma posição marginalizada, perpetua as desigualdades e evidenciam como a opressão é internalizada e reproduzida, consolidando um ciclo estrutural de submissão.

Ao refletirmos sobre as análises de Bell Hooks (2019), compreendemos que a opressão sexista não se limita a uma esfera isolada, mas configura-se como uma rede entrelaçada de estruturas institucionais e culturais que legitimam e perpetuam a desigualdade. Hooks ressalta que, “as mulheres são o grupo mais vitimado pela opressão sexista”, o que revela a magnitude desse problema, sustentado por práticas cotidianas, legislações e normas sociais que continuamente reforçam a desigualdade de gênero. Além disso, Hooks critica a ação de indivíduos que, consciente ou inconscientemente, exploram ou oprimem, alimentando assim o sistema opressor. Tal crítica se estende à internalização dessa opressão, onde as próprias vítimas, moldadas por uma educação ancorada na ideologia da supremacia masculina, acabam valorizando-se através do olhar masculino, esvaziando-se de autovalor genuíno e perpetuando uma submissão silenciosa.

O universo interior de Macabéa, povoado por sonhos e fantasias, emerge como um mecanismo de escapismo. Suas aspirações, como o desejo de se tornar uma estrela de cinema, funcionam como um refúgio diante de uma realidade implacável. Esse anseio é alimentado por ecos do rádio e pelas promessas ilusórias da publicidade, que simbolizam seu desejo de reconhecimento e afeto, transcendendo a mera busca por fama e representando uma profunda necessidade de validar sua existência. Como ressalta Perrot (2007, p. 11), “a história das mulheres deve ser discutida nos salões de beleza, nos almoços de família, nas mesas de bar, nos ambientes de trabalho; deve estar presente nas escolas, nas TVs e rádios brasileiras, no judiciário e no legislativo [...]”. Esse chamado à inclusão, enunciado nas palavras de Perrot, sublinha a urgência de construir um diálogo social que abarque e valorize as múltiplas narrativas femininas, como a de Macabéa, e transcenda os estereótipos de gênero, promovendo uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Nesse contexto, o relacionamento entre Macabéa e Olímpico simboliza uma extensão de suas ilusões, na qual ela deposita a esperança de redenção, apesar da ausência de afeto e do

constante desprezo do companheiro. Olímpico, que representa um modelo de masculinidade ambicioso e dominador, apenas aprofunda a fragilidade de Macabéa, culminando em sua traição com Glória. Tal dinâmica evidencia o vazio de poder que ela possui sobre sua própria vida, ao se apegar a uma figura que a despreza e subjuga. A esperança de que Olímpico asalve de sua miséria configura-se como uma estratégia de defesa emocional, uma tentativa de manter viva a ilusão de uma possível transformação, ainda que tal perspectiva seja irrealizável.

Assim, ao trazermos para o debate acadêmico a trajetória de Macabéa, enfatizamos a necessidade de uma crítica sistêmica e transformadora. Scott argumenta que a história das mulheres possui um potencial subversivo capaz de questionar e desestabilizar os alicerces disciplinares convencionais, desafiando padrões normativos e lançando luz sobre a realidade dessas experiências. Essa narrativa questionadora não só desestrutura o status quo, mastambém incita uma revisão crítica das estruturas que naturalizam a submissão feminina, revelando-se essencial para uma compreensão profunda das desigualdades de gênero em sua interconexão com outras formas de opressão social.

[...] história das mulheres tem uma força política potencialmente crítica, uma força que desafia e desestabiliza as premissas disciplinares estabelecidas, principalmente, porque este tipo de história questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher” e desafia a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto desta ciência – o Homem Universal (Siqueira, 2008, p. 113).

Nesse contexto, é fundamental considerarmos as implicações do relacionamento de Macabéa com Olímpico à luz das críticas contemporâneas sobre a representação feminina na literatura e na sociedade. Nossa análise da relação entre a protagonista e Olímpico revela uma dinâmica de poder que expõe a subserviência feminina e a constante busca por validação através de homens que, frequentemente, não demonstram afeto genuíno. Simultaneamente, a figura de Glória, que simboliza tudo aquilo que Macabéa aspira ser, intensifica nossa percepção de sua inferioridade. Glória é confiante e segura de si, alcançando seus objetivos, enquanto nos deparamos com Macabéa presa em sua própria submissão e desilusão. Essa comparação entre as duas mulheres ressalta não apenas nossa reflexão sobre a luta de Macabéa contra a opressão masculina, mas também sua alienação dentro do próprio gênero, onde outras mulheres se tornam, paradoxalmente, objetos de admiração e inveja.

A resistência à profissionalização das mulheres da classe alta e da classe média permanecia inalterada, pois esperava-se que elas se dedicassem integralmente ao lar e à família. Apenas as moças pobres estavam liberadas para trabalhar nas fábricas e na prestação de serviços domésticos (Duarte, 2003, p. 158).

Além disso, nossa reflexão sobre a força política da história das mulheres ganha relevância no contexto atual, especialmente quando analisamos a maneira como a sociedade ainda perpetua estereótipos de gênero. A opressão enfrentada por Macabéa se estende além de suas relações com os homens; ela também se manifesta na comparação constante com Glória, que simboliza oportunidades e poder que nos são negados. A fala de Duarte sobre a resistência à profissionalização das mulheres de classes altas e médias, que se dedicavam ao lar, reflete um padrão que ainda ressoa nos dias de hoje, onde expectativas sociais continuam a limitar o potencial feminino. No filme, essa tensão entre aspirações e realidade torna-se palpável, destacando como a luta de Macabéa é representativa de um chamado mais amplo por equidade e reconhecimento no espaço público e privado. Assim, a análise dessas dinâmicas sociais e suas representações na arte nos convida a questionar e reimaginar as narrativas que moldam a vida das mulheres contemporâneas.

Dando continuidade à nossa análise da trajetória de Macabéa, a decisão de consultar Madame Carlota, a cartomante, emerge como um ponto crucial na narrativa. Essa consulta simboliza a última esperança da protagonista para mudar seu destino, representando sua busca desesperada por um futuro diferente. Madame Carlota promete a ela um horizonte brilhante, uma expectativa que, tragicamente, nunca se concretiza. Nesse momento, a ingenuidade da personagem é mais uma vez posta em evidência, e a ilusão de um destino glorioso rapidamente se desfaz diante da dura realidade de sua vida. A promessa da cartomante, que sugere um alicerce de segurança e cuidado, reflete o anseio profundo de Macabéa por amor e proteção que ela nunca experimenta verdadeiramente.

A morte de Macabéa, ao ser atropelada logo após a consulta com Madame Carlota, simboliza um desfecho significativo de sua vida de submissão e alienação. Esse evento marca a conclusão de sua jornada, onde a única saída para sua existência invisível é o fim trágico. No filme, essa cena é retratada de forma impactante, destacando a ironia de uma vida marcada pela opressão e a cruel expectativa de que algo melhor estava por vir. Mesmo nos momentos finais, Macabéa continua a acreditar que algo grandioso pode acontecer, simbolizando a persistência de sua ilusão até o fim. Por fim, o filme “A Hora da Estrela” denuncia a situação

das mulheres pobres, marginalizadas e invisíveis na sociedade. A crítica social presente na narrativa de Clarice Lispector transcende a história individual de Macabéa e aponta para uma realidade mais ampla de opressão feminina.

O destino da figurante serve como um lembrete da invisibilidade de tantas outras mulheres na história e na sociedade atual, cuja luta pela sobrevivência ofusca qualquer esperança de emancipação. No capítulo subsequente, examinaremos em profundidade os resultados obtidos por meio das entrevistas que conduzimos com os alunos da (EAC-UEPB), buscando interpretar suas percepções, experiências e contribuições no contexto específico da instituição e em alinhamento com os objetivos deste estudo.

3. RESULTADOS

A presente pesquisa demonstrou a relevância da produção cinematográfica como ferramenta educacional, ao abordar como o cinema pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem e a formação crítica dos alunos. No âmbito deste estudo, o cinema foi analisado não apenas como uma manifestação artística, mas como um meio capaz de proporcionar uma rica experiência educacional, ao introduzir novas formas de interação com conteúdos culturais, históricos e literários. A proposta central foi explorar a influência do cinema nacional na sala de aula na (EAC-UEPB) com cinco alunos aleatoriamente escolhidos, destacando sua capacidade de tornar as atividades educacionais mais dinâmicas e envolventes, além de desenvolver competências críticas entre os estudantes.

Ao abordar especificamente o filme “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector, o projeto de pesquisa demonstrou como a produção cinematográfica pode ser um poderoso catalisador para discussões profundas sobre temas complexos, como a marginalização, a identidade e a desigualdade social. Através da análise da trajetória da protagonista Macabéa, os alunos foram incentivados a refletir sobre as dinâmicas sociais retratadas no filme, promovendo um olhar crítico sobre a condição humana e as contradições da vida urbana no Brasil. Essa abordagem permitiu que os estudantes não apenas se conectassem emocionalmente com a narrativa, mas também desenvolvessem habilidades analíticas ao explorar a relação entre literatura e cinema, reforçando o papel do cinema nacional como um recurso educativo eficaz e capaz de fomentar o pensamento crítico.

3.1 A integração da produção cinematográfica no contexto educacional

A regulamentação do uso do cinema no ambiente educacional brasileiro foi consolidada pela Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, que acrescentou o § 8º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esse dispositivo estabelece a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica, pelo menos duas vezes por mês, com vistas à valorização da cultura cinematográfica nacional e à promoção de um ensino mais dinâmico e integrado. Tal medida não apenas reconhece o potencial pedagógico do cinema, mas também busca estimular a formação de uma consciência crítica e reflexiva nos estudantes,

possibilitando que eles compreendam a arte cinematográfica como uma ferramenta educativa multifacetada.

Além disso, ao fortalecer o vínculo entre o universo cultural e o ambiente escolar, a legislação promove a democratização do acesso à cultura, um aspecto fundamental em um país marcado por significativas desigualdades sociais e educacionais. Ademais, a inserção do cinema no ambiente educacional ultrapassa a simples exibição de filmes, exigindo uma reflexão crítica e detalhada acerca das mensagens e dos valores subjacentes às produções cinematográficas. Por meio dessa abordagem, é possível transformar o cinema em uma ferramenta interdisciplinar, que potencializa a formação do pensamento crítico e a ampliação das perspectivas dos estudantes, articulando, de forma criativa e inovadora, os conteúdos curriculares com as narrativas audiovisuais e suas implicações culturais e sociais.

Assim, o cinema, como expressão cultural de elevada complexidade, desempenha uma função essencial na dinâmica da sociedade contemporânea, profundamente transformada pelos avanços tecnológicos e pelos processos de industrialização. A pesquisa demonstrou que sua incorporação no ambiente educacional tem o potencial de reavivar o interesse discente por temáticas que, com frequência, são percebidas como distantes ou de difícil acesso. No contexto brasileiro, caracterizado por desafios substanciais na promoção da leitura, o uso de produções cinematográficas revelou-se uma estratégia eficaz para estabelecer um vínculo produtivo entre a educação formal e a cultura popular. A análise crítica dos filmes permitiu que os alunos não apenas decodificassem a narrativa visual, mas também resgatassem o interesse pela literatura e pela história, promovendo a integração de múltiplos campos do saber e proporcionando uma experiência pedagógica mais ampla e interconectada.

Além disso, a valorização da arte e a implementação de espaços para debates dialógicos desempenharam um papel fundamental na construção do pensamento crítico dos discentes. Ao serem instigados a interpretar e compartilhar suas impressões acerca da obra cinematográfica “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, os estudantes não só aprofundaram suas compreensões sobre os elementos específicos da linguagem fílmica, como também aprimoraram habilidades essenciais, tais como a observação acurada, a sensibilidade estética, a capacidade de imaginar cenários e possibilidades, bem como o julgamento crítico embasado. Nesse sentido, a inserção do cinema nacional nas práticas pedagógicas superou seu caráter meramente lúdico ou recreativo, configurando-se como uma ferramenta educacional que ampliou a experiência cultural dos alunos e os desafiou a adentrar nas múltiplas camadas de significação presentes na narrativa visual, enriquecendo seu processo de aprendizagem.

Ademais, a inserção do cinema no ambiente educacional ultrapassa a simples exibição de filmes, exigindo uma reflexão crítica e detalhada acerca das mensagens e dos valores subjacentes às produções cinematográficas. A Escola Agrotécnica do Cajueiro (EAC-UEPB), com sua estrutura excepcional, que disponibilizou recursos como data show, televisão e ar-condicionado, criou um ambiente favorável para a realização do projeto. Nesse cenário, a escolha do filme “A Hora da Estrela” revelou-se fundamental para a criação de um espaço propício à reflexão sobre questões existenciais e sociais que permeiam a experiência humana, promovendo assim uma ampliação significativa do horizonte cultural dos alunos. Nessesentido, os debates que se seguiram à exibição do filme desempenharam um papel crucial no estímulo ao pensamento crítico.

Esses diálogos permitiram que os estudantes não apenas expressassem suas impressões, mas também realizassem uma análise multifacetada da obra, explorando suas nuances a partir de diferentes perspectivas. Essa prática dialógica foi essencial para cultivar um espaço de reflexão que enriquecesse o entendimento dos alunos sobre a complexidade das narrativas cinematográficas. Conseqüentemente, essa abordagem didática favoreceu uma compreensão mais holística da arte cinematográfica, destacando sua intersecção com o contexto literário e cultural. O projeto evidenciou, assim, o potencial do cinema como um recurso pedagógico inovador, capaz de integrar diversas áreas do conhecimento de maneira coesa. Por meio dessa integração, o processo de ensino-aprendizagem se tornou mais dinâmico e significativo, ao mesmo tempo em que despertou o interesse dos alunos por temas literários e históricos, revitalizando sua relação com a educação formal e com as artes de uma forma mais abrangente.

Dessa forma, a prática pedagógica desenvolvida, sustentada por uma análise crítica em debates construtivos, proporcionou aos alunos uma perspectiva ampliada sobre as obras cinematográficas e suas conexões com outras formas de arte. Ao envolver os estudantes em discussões abertas e reflexivas, promoveu-se uma cultura de diálogo que, além de aprimorar a apreciação artística, contribuiu para o desenvolvimento de habilidades sociais essenciais, preparando-os para uma participação ativa na sociedade contemporânea. Nesse sentido, a inclusão do cinema nacional nas práticas pedagógicas não apenas enriqueceu a experiência de aprendizagem, mas também formou cidadãos analíticos e culturalmente sensíveis, aptos a enfrentar os dilemas do mundo atual.

Nesse contexto, o projeto intitulado “Cinema Nacional na Escola: Compartilhando Memórias e Narrativas”, desenvolvido na cidade de Catolé do Rocha - PB, implementou uma série de iniciativas destinadas a promover a valorização cultural e a democratização do acesso

à cultura. Entre as ações destacadas, foram realizados colóquios interativos que envolveram a comunidade escolar, bem como a exibição de filmes nacionais e discussões coletivas que fomentaram um ambiente de aprendizado colaborativo e crítico. Essas atividades não apenas incentivaram a análise aprofundada das personagens e dos temas apresentados nas obras cinematográficas, mas também despertaram nos alunos um interesse renovado pela leitura integral das obras literárias associadas. O cinema, nesse contexto, funcionou como uma síntese das narrativas originais, possibilitando que os estudantes estabelecessem conexões significativas entre a linguagem visual e as nuances literárias.

Além disso, o desenvolvimento do projeto incorporou o cinema ao ambiente educacional como uma ferramenta crucial para fomentar o hábito da leitura, especialmente em um contexto onde a predominância das mídias sociais tem desviado os jovens desse exercício fundamental. A Escola Agrotécnica do Cajueiro (EAC-UEPB), palco das atividades, recebeu essas iniciativas de maneira calorosa, proporcionando um espaço físico e afetivo que favoreceu a participação ativa dos estudantes. Tal configuração permitiu a criação de um ambiente propício ao diálogo e à troca de ideias, essenciais para um aprendizado significativo. Nesse sentido, a exibição do filme “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, emergiu como um dos momentos mais significativos do projeto, evidenciando a importância do cinema como um catalisador do interesse literário.

Conseqüentemente, o projeto “Cinema Nacional na Escola: Compartilhando Memórias e Narrativas” revelou-se um meio eficaz para estimular a experiência educacional dos alunos, utilizando o cinema como um recurso valioso na valorização cultural e na promoção do pensamento crítico. A diversidade de etapas, desde a apresentação inicial até a exibição dos filmes, demonstrou a eficácia da abordagem interdisciplinar proposta. A bagagem da facilitadora, com sua experiência em projetos semelhantes na cidade de Paulista, Paraíba, foi fundamental para estabelecer uma base sólida de atuação, ressaltando a relevância da integração entre teoria e prática pedagógica. Além disso, as discussões que emergiram desse projeto abriram espaço para uma reflexão mais ampla sobre a importância da cultura na formação da identidade e na construção do conhecimento, sugerindo que iniciativas semelhantes poderiam ser exploradas em outros contextos, promovendo não apenas a apreciação do cinema, mas também um diálogo contínuo entre diferentes formas de arte e suas intersecções com a sociedade.

Posteriormente, uma das etapas mais emblemáticas do projeto foi a exibição do filme “A Hora da Estrela”, selecionado com rigor acadêmico devido à sua significativa pertinência no contexto educacional, bem como pela sua capacidade de suscitar reflexões profundas sobre

temáticas históricas e sociais cotidianas. A exibição foi seguida por debates estruturados e rodas de conversa, nas quais os discentes puderam articular suas percepções e realizar análises críticas aprofundadas da obra cinematográfica. Esse exercício dialógico não apenas enriqueceu a compreensão estética e narrativa do filme, mas também impulsionou o desenvolvimento do pensamento crítico, ao promover uma intersecção reflexiva entre o enredo e questões de relevância literária e cultural, essenciais para a formação intelectual dos alunos.

A formalização do projeto na Escola Agrotécnica do Cajueiro (EAC-UEPB) começou com uma apresentação introdutória, na qual a facilitadora delineou os objetivos e as expectativas do trabalho, cultivando um clima de entusiasmo e curiosidade entre os alunos. Na ocasião, ressaltou-se a importância do cinema como uma ferramenta pedagógica inovadora, capaz de transmitir narrativas e conceitos de forma envolvente e acessível. Tal abordagem não apenas estabeleceu as bases para uma experiência educativa enriquecedora, mas também abriu espaço para reflexões sobre a intersecção entre arte e educação. Além disso, a introdução do cinema no ambiente escolar possibilitou a exploração de temas relacionados à diversidade cultural e à identidade, incentivando os alunos a reconhecerem a relevância de diferentes expressões artísticas em suas vidas cotidianas. Assim, o projeto não se restringiu ao âmbito do entretenimento, mas ampliou o horizonte educacional, promovendo uma conscientização crítica sobre o papel da cultura na formação de indivíduos mais informados e sensíveis ao contexto social em que estão inseridos.

Na semana seguinte, a discussão sobre o filme “A Hora da Estrela” foi reaberta em sala de aula, proporcionando um ambiente propício para que os alunos compartilhassem suas percepções e reflexões sobre a obra, onde foram realizados alguns questionamentos para os alunos referentes ao filme transmitido em sala de aula. A roda de conversa facilitou uma troca enriquecedora de ideias, permitindo que os estudantes analisassem criticamente os temas abordados, bem como sua interconexão com o contexto social e histórico. Esse exercício não apenas aprofundou a compreensão dos alunos acerca da narrativa e de sua autora, mas também evidenciou a importância de se promover um espaço educativo que valorize a diversidade de interpretações e a pluralidade de vozes.

Ademais, o projeto “Cinema Nacional na Escola: Compartilhando Memórias e Narrativas” foi bem-sucedido em seu propósito de estimular a valorização cultural e incentivar o interesse dos alunos pela arte cinematográfica e pela literatura. A Escola Agrotécnica do Cajueiro (EAC-UEPB) foi uma grande representação em que se evidenciou o impacto positivo dessa iniciativa, com a exibição do filme servindo como um poderoso

catalisador para discussões ricas e envolventes. Ao integrar o cinema nas práticas pedagógicas, o projeto não só revitalizou o hábito da leitura, mas também se tornou um exemplo de como abordagens inovadoras podem transformar a educação formal, inspirando a reflexão crítica e o engajamento ativo dos alunos em relação a suas realidades culturais e sociais.

3.2 Análise das respostas dos alunos: reflexões sobre a experiência cinematográfica na educação

A utilização do cinema como uma ferramenta pedagógica no contexto educacional tem sido objeto de considerável debate, particularmente em relação à sua eficácia em estimular o pensamento crítico e fomentar um envolvimento mais profundo com os conteúdos literários. A obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, destacou-se como um exemplar notável que ilustra como a linguagem cinematográfica pode ser empregada para investigar questões existenciais e sociais, oferecendo um terreno fértil para discussões significativas em sala de aula.

Através da sua narrativa, o filme não apenas expôs as complexidades das condições humanas, mas também provocou reflexões sobre temas como a solidão, a busca por identidade e as relações sociais, encorajando os alunos a articular suas percepções e a conectá-las a discussões com suas experiências pessoais e contextos históricos. Nesse sentido, a abordagem cinematográfica enriqueceu o processo de aprendizagem, tornando-o mais dinâmico e relevante, além de proporcionar um espaço onde as vozes dos estudantes podem ser ouvidas e valorizadas. Assim, a experiência de assistir e debater “A Hora da Estrela” transcende o ato de ver um filme, transformando-se em uma oportunidade de aprendizado profundo e significativo que ressoa com as vivências dos alunos.

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados dez alunos do 1º ano da Escola Agrotécnica do Cajueiro (EAC-UEPB), com o objetivo de investigar as percepções e interpretações acerca da obra cinematográfica “A Hora da Estrela”, de Suzana Amaral, adaptada da obra homônima de Clarice Lispector. Por razões éticas e visando garantir a preservação da identidade dos participantes, os estudantes foram renomeados como “Turma do Conhecimento”, “Turma do Saber”, “Turma da Alegria”, “Turma da Sabedoria” e “Turma do Futuro”.

Essa escolha permitiu que a análise dos dados mantivesse o anonimato necessário, ao mesmo tempo que facilitou a identificação das respostas e sua associação com diferentes perspectivas interpretativas. Ademais, a metodologia adotada incluiu perguntas estruturadas que buscavam não apenas captar as impressões gerais dos participantes sobre o filme, mas também identificar os elementos que mais os impactaram, proporcionando uma compreensão ampla e aprofundada das conexões estabelecidas entre os alunos e a narrativa audiovisual. Dessa forma, a pesquisa não só se revelou um instrumento valioso para compreender as nuances da recepção fílmica no contexto escolar, mas também evidenciou o potencial pedagógico do cinema como uma ferramenta interdisciplinar e crítica.

A análise das respostas dos alunos acerca do filme “A Hora da Estrela” proporcionou uma oportunidade valiosa, permitindo não apenas captar as impressões individuais sobre a obra, mas também promover uma reflexão coletiva acerca dos temas explorados e seu impacto no público jovem. As questões elaboradas para esta pesquisa, especificamente: “O que você considera do filme ‘A Hora da Estrela’?” e “Quais os elementos que mais lhe marcaram no mesmo?”, desempenharam um papel fundamental na avaliação da recepção e da interpretação do filme pelos alunos. As questões elaboradas visaram aprofundar a compreensão das camadas de significado que os alunos atribuíram à narrativa e aos personagens, além de investigar de que maneira suas experiências pessoais e sociais influenciaram a interpretação do enredo.

Esse processo possibilitou não apenas a identificação das reações emocionais, mas também a exploração das conexões que os estudantes estabeleceram com as questões existenciais e sociais subjacentes à obra. Assim, a pesquisa ultrapassou o mero levantamento de opiniões, transformando-se em uma análise crítica das percepções juvenis, ao mesmo tempo em que promoveu um diálogo enriquecedor acerca da relevância do cinema como recurso educativo. Os insights extraídos ao longo desta investigação enfatizaram a importância de considerar as vivências dos alunos, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre o papel do cinema na formação de valores e na construção de identidades individuais e coletivas. O desdobramento da pesquisa se deu entre cinco alunos aleatoriamente escolhidos, cujos nomes por uma questão ética foram preservados no anonimato entre as turmas nomeadas.

Turma do conhecimento: O que você considera do filme “A Hora da Estrela”?

Resposta: Considero que a obra é um convite à empatia, permitindo ao espectador enxergar a realidade de muitos que vivem à margem da sociedade.

Pergunta 2: Quais os elementos que mais lhe marcaram no mesmo?

Resposta: O filme “A Hora da Estrela” me deixou bastante impressionado pela maneira como aborda temas universais, como a solidão e a alienação. A trajetória de Macabéa é tocante e nos faz refletir sobre as nuances da vida cotidiana.

Turma do saber: O que você considera do filme “A Hora da Estrela”?

Resposta: Para mim, “A Hora da Estrela” é um filme que provoca uma profunda introspecção. A forma como a história de Macabéa é apresentada, repleta de simbolismos e metáforas, enriquece a narrativa e a torna multifacetada. A crítica social subjacente é notável, especialmente na maneira como explora a desigualdade e a busca pela felicidade. Além disso, a atuação de Marcélia Cartaxo é excepcional, trazendo uma autenticidade ao papel que ressoa com o público.

Pergunta 2: Quais os elementos que mais lhe marcaram no mesmo?

Resposta: No contexto da década de 1980, “A Hora da Estrela” se destaca não apenas pela história de Macabéa, mas também pela forma como o filme reflete as tensões sociais e políticas do Brasil daquela época. A representação da protagonista, uma mulher nordestina vivendo na periferia de uma grande cidade, simboliza a luta dos marginalizados em uma sociedade em transformação, marcada pela urbanização acelerada e pela desigualdade.

Turma da alegria : O que você considera do filme “A Hora da Estrela”?

Resposta: Considero que “A Hora da Estrela” é um filme que vai muito além da história de uma jovem nordestina que se muda para a cidade grande. Ele aborda questões filosóficas profundas, como a busca pela identidade e o sentido da existência em uma sociedade que frequentemente ignora a individualidade. A trajetória da Macabéa nos faz refletir sobre a condição humana e a luta de muitos que, ao chegarem nas grandes cidades, se deparam com um mundo que não só é diferente, mas também indiferente.

Pergunta 2: Quais os elementos que mais lhe marcaram no mesmo?

Resposta: O que mais me marcou no filme foram os pequenos detalhes do cotidiano da Macabéa que revelam a realidade de muitas pessoas. A forma como ela interage com os outros personagens, como o narrador e seus amigos, destaca a desconexão que muitas vezes sentimos em nossas relações.

Turma da sabedoria : O que você considera do filme “A Hora da Estrela”?

Resposta: Considero “A Hora da Estrela” uma obra cinematográfica profundamente impactante, que retrata a solidão e a busca por identidade de maneira excepcional. A personagem principal, Macabéa, representa a fragilidade do ser humano em um mundo indiferente. Através de sua história, o filme provoca uma reflexão sobre as condições sociais e existenciais que cercam os indivíduos mais vulneráveis. Além disso, a direção de Suzana Amaral traz uma sensibilidade única à narrativa, tornando a experiência visual e emocionalmente envolvente.

Pergunta 2: Quais os elementos que mais lhe marcaram no mesmo?

Resposta: No filme “A Hora da Estrela”, o que mais me marcou foram as interações entre os personagens e a forma como eles refletem a realidade social da época. A Macabéa, por exemplo, é uma personagem que parece invisível para as pessoas ao seu redor, e isso me fez pensar sobre quantas histórias e vidas estão perdidas em meio à correria do dia a dia. Outro elemento que me impactou foi a relação dela com o amor e a busca por aceitação.

Turma do futuro: O que você considera do filme “A Hora da Estrela”?

Resposta: Considero que o filme “A Hora da Estrela” retrata de forma muito sensível a realidade de muitas pessoas nordestinas que, assim como a Macabéa, saem de suas terras em busca de uma vida melhor na cidade grande. Ele revela o sonho que muitos têm de encontrar oportunidades e uma nova vida, mas também expõe a dura realidade que, muitas vezes, esse sonho não se concretiza.

Pergunta 2: Quais os elementos que mais lhe marcaram no mesmo?

Resposta: A maneira como Macabéa idealiza suas experiências românticas mostra o desejo de se conectar e ser valorizada, algo que muitos jovens sentem. Além disso, a crítica sutil ao consumismo e ao modo de vida da sociedade é algo que me fez refletir sobre o que realmente importa nas relações e nas nossas escolhas. Esses aspectos vão além da superfície da história e revelam questões profundas sobre a condição humana.

Neste contexto, o papel do educador se torna fundamental. Ao promover um espaço seguro e acolhedor para a expressão das ideias, o professor pode facilitar discussões que transcendam a simples apreciação estética do filme, permitindo que os alunos articulem suas experiências e reflexões de forma crítica e fundamentada. A análise das respostas obtidas a partir dessas perguntas, portanto, não apenas enriqueceu o debate sobre o filme, mas também

serve como um termômetro para a efetividade da metodologia de ensino utilizada, permitindo ajustes e melhorias nas futuras abordagens pedagógicas.

A análise das respostas dos alunos, quando combinada com uma reflexão crítica sobre a experiência cinematográfica, constituiu um potente recurso para explorar as nuances do aprendizado relacionadas a “A Hora da Estrela”. Esse processo não apenas destacou a importância de integrar diferentes formas de arte ao currículo escolar, mas também evidenciou o papel do cinema na construção de uma consciência crítica entre os estudantes. Ao conectar as vivências individuais dos alunos aos temas complexos da obra de Lispector, foi possível transcender a mera apreciação estética, promovendo uma análise mais profunda das questões existenciais que permeiam a narrativa.

Assim, a experiência se traduziu em um convite ao engajamento intelectual, desafiando os alunos a refletirem sobre suas próprias realidades e a reconhecerem o cinema como um catalisador de transformação social e pessoal. Tal abordagem enriquecedora ressalta a necessidade de repensar as práticas pedagógicas contemporâneas, incorporando a linguagem cinematográfica como uma ferramenta essencial no desenvolvimento de um pensamento crítico e sensível. Ademais, destaca-se o aspecto da curiosidade e do interesse profundo em relação à obra, características que constantemente os instigam a uma reflexão crítica e indispensável. Esses elementos impulsionam um engajamento intelectual que transcende a análise superficial, permitindo que os leitores sejam conduzidos a questionamentos relevantes sobre a complexidade e os múltiplos sentidos da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste estudo busca consolidar as observações e reflexões desenvolvidas ao longo da análise do projeto “Cinema Nacional na Escola: Compartilhando Memórias e Narrativas”. Ao longo da pesquisa, evidenciou-se como o uso do cinema, em especial a exibição de “A Hora da Estrela”, de Suzana Amaral, pode ser uma ferramenta transformadora no ambiente educacional. A relação entre o filme e a obra literária de Clarice Lispector proporcionou aos alunos uma rica experiência de análise, revelando a força do cinema na abordagem de questões sociais e culturais. Além disso, a intersecção entre imagem e palavra, som e narrativa, estimulou uma reflexão mais profunda sobre a marginalização e opressão que atravessam a história de Macabéa.

Ao integrar o filme “A Hora da Estrela” à prática pedagógica, o projeto de pesquisa demonstrou que a linguagem cinematográfica pode funcionar não apenas como um complemento, mas como uma ponte crítica para o entendimento de questões literárias e sociais. A figura de Macabéa, enquanto personagem invisibilizada pela sociedade, tornou-se um ponto de reflexão para os estudantes, que puderam discutir, por meio do cinema, as dinâmicas de exclusão e desigualdade social. Dessa forma, o cinema se revelou uma potente ferramenta para a desconstrução de estereótipos e para o fomento de um olhar crítico sobre a realidade social. A articulação entre teoria e prática, neste contexto, foi fundamental para garantir que o processo educativo fosse além de uma simples recepção passiva, incentivando o engajamento dos estudantes.

Conforme as discussões em sala de aula progrediram, ficou evidente que a análise crítica do filme proporcionou aos estudantes não apenas uma maior compreensão da narrativa, mas também um entendimento mais amplo sobre as relações de poder e marginalização presentes na sociedade. A exibição de “A Hora da Estrela” foi capaz de despertar uma conscientização acerca das condições de vida de figuras como Macabéa, ao mesmo tempo em que incentivou os alunos a refletirem sobre as realidades contemporâneas de exclusão e desigualdade. Assim, o projeto cumpriu seu objetivo de estimular o pensamento crítico e a valorização cultural, transformando o cinema em uma poderosa ferramenta educativa.

Em conclusão, o projeto “Cinema Nacional na Escola: Compartilhando Memórias e Narrativas” mostrou que o cinema, quando utilizado de maneira estratégica e consciente, tem o poder de transcender sua função artística e se tornar um meio eficaz para a formação crítica e cultural dos estudantes. Ao promover debates sobre questões sociais, culturais e existenciais, o projeto, hoje TCC, não apenas reavivou o interesse dos alunos pela literatura e pelo cinema,

mas também proporcionou um ambiente propício para a reflexão sobre as injustiças sociais. Dessa forma, o cinema se consolidou como um recurso pedagógico capaz de transformar o espaço educacional em um local de aprendizagem ativa e crítica, onde a arte e a cultura são instrumentos de mudança.

REFERÊNCIAS

- A HORA DA ESTRELA. Direção: Suzana Amaral. São Paulo: Embrafilme, 1985. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vVJFuXbb1xE>. Acesso em: 18 de setembro. 2024.
- CIPOLINI, A. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto** – Um estudo sobre a utilização do cinema na educação. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2008.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados**. 2003. p. 151-172. Disponível em: . Acesso em: 01 de julho. de 2024.
- GOMES, P. E. S. **A personagem cinematográfica**. In: CANDIDO, A. (org.). A personagem de ficção. 11. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. p. 103-119.
- HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. 1952. Tradução: Rainer Patriota. – São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. de Angela M. S. Côrrea. 2. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.
- RODRIGUES, Wallace. **Tropicalismo e identificação nacional: cultura da sociedade brasileira através do cinema**. IN: Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 8, n. 3, pág. 263-272, set./dez. 2014.
- SIQUEIRA, Tatiana Lima. **Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero**. Revista Ártemis, João Pessoa, v. 8, p. 110-117, 200.